

**OS OFÍCIOS MECÂNICOS DA MADEIRA NOS SÉCULOS XVIII E XIX, NO CONTEXTO LUSO-BRASILEIRO: A PARTIR DO ESTUDO DOS ARTÍFICES, OFICINAS E MATÉRIAS-PRIMAS**

***THE WOOD CRAFTS BETWEEN THE 18<sup>TH</sup> AND 19<sup>TH</sup> CENTURIES, IN A LUSO-BRAZILIAN CONTEXT: FROM THE STUDY OF CRAFTSMAN, WORKSHOP AND RAW MATERIAL***

*Isabela Torres Rodrigues*

*Universidade Federal de São Paulo, Brasil*

*Pesquisa de mestrado com auxílio da Bolsa Fapesp*

*(Processo nº 2021/02434-4)*

**RESUMO:** Este artigo aborda os ofícios da madeira em Portugal e no Brasil entre os séculos XVIII e XIX por meio de quatro referências bibliográficas específicas, apresentando o que significava ser artífice, o que eram as oficinas e quais matérias primas eram selecionadas para a produção dos artefatos em madeira. As quatro fontes primárias escritas utilizadas foram: o Volume 7 da *Enciclopédia* de Jean le Rond d'Alembert e Denis Diderot (1751-1772); o *Dicionário português e latino* de Rafael Bluteau (1712-1728); o *Guia do Carpinteiro e do Marceneiro* de Pioche de 1846, e o livro *O Vignola Brasileiro* de César de Rainville, de 1880. Pretende-se contribuir para o conhecimento sobre determinados fatores em torno da produção de artefatos em madeira no período áureo da produção artesanal e seu ocaso nas transformações que levaram à Revolução Industrial.

**Palavras-chave:** Ofícios mecânicos da madeira; Artífice; Oficina; Matéria-prima

**ABSTRACT:** This article discusses wood crafts in Portugal and Brazil during the eighteenth and nineteenth centuries through four specific bibliographic references, presenting what it meant to be a craftsman, what the workshops were and what raw materials were selected to produce wooden artifacts. The

four primary written sources used were: Volume 7 of the Encyclopedia of Jean le Rond d'Alembert and Denis Diderot (1751-1772), the Portuguese and Latin Dictionary by Rafael Bluteau (1712-1728), the Guide to the Carpenter and the Joiner of Pioche of 1846, and, finally, the book *O Vignola Brasileiro* by César de Rainville, from 1880. The aim is to contribute to the knowledge of certain factors surrounding the production of wooden artifacts during the golden age of artisanal production and its decline in the transformations that led to the Industrial Revolution.

**Keywords:** Wood Crafts; Craftsman; Workshop; Raw Material

## INTRODUÇÃO

Neste texto partiremos de dois princípios teóricos. O primeiro diz respeito às ideias de Richard Sennett (2020) em seu livro *O Artífice*, no qual defende que um procedimento manual não é possível sem um profundo conhecimento intelectual. O segundo refere-se aos estudos de Meneses (2017, p. 10) sobre o “conjunto de objetos de uma vivência”, onde indica que o artesanato estava ligado diretamente aos fazeres artísticos no século XVIII e início do XIX, no contexto Luso-Brasileiro.

Interessa-nos o período áureo do artesanato, em que as oficinas de artífices eram responsáveis pela produção dos objetos a partir de uma vasta trajetória de absorção de ensinamentos. Este estudo está focado, portanto, na compreensão do funcionamento dos ofícios da madeira: Carpintaria, Marcenaria, Talha e Ensamblamento, especialmente na segunda metade do século XVIII e início do XIX.

As quatro fontes primárias escritas utilizadas como base para a construção desta abordagem são: o Volume 7 da *Enciclopédia* de Jean le Rond d'Alembert e Denis Diderot (1751-1772), o *Dicionário português e latino* de Rafael Bluteau (1712-1728) – como obras de referência primordiais; e livros como o *Guia do Carpinteiro e do Marceneiro* de Pioche de 1846, e o livro *O Vignola Brasileiro* de César de Rainville de 1880. Cada um desses documentos possui sua importância para o estudo sobre os ofícios da madeira.

Realizamos uma articulação entre os termos encontrados no Dicionário de Bluteau e no Volume 7 da Enciclopédia francesa e com isso

pudemos perceber as semelhanças e diferenças entre as palavras encontradas, ao compará-las e compreendê-las nos diferentes contextos culturais em que foram gestadas, Portugal e França, observando em que medida se valorizavam os ofícios mecânicos da madeira. Por outro lado, livros como o *Guia do Carpinteiro, Marceneiro e Ensamblador*, de Pioche (1846), e o tardio *Vignola Brasileiro* (Rainville, 1880), são capazes de esclarecer elementos acerca dos ensinamentos durante a transição entre o período áureo do fazer manual e seu ocaso diante da mecanização iniciada com a Revolução Industrial.

Dividimos nossa análise em três tópicos: os artífices, as oficinas e os artesãos. No primeiro item foram localizadas definições históricas e conceituais referentes às palavras: artífice, carpinteiro, marceneiro, entalhador, tanoeiro e ensamblador. No entanto, para cada uma delas buscamos as definições a partir das fontes primárias, com já foi dito, por meio da gama de significados presentes no *Vocabulário* de Bluteau (1712-1728), na *Encyclopédie* de d'Alembert e Diderot (1751-1772), ambos do século XVIII, e também, uma visão lexical do *Vignola Brasileiro* (Rainville, 1880), do século XIX. Em nosso tópico *Oficina* também apontamos definições de tais espaços a partir das fontes escritas do XVIII, incluindo porém o estudo de algumas imagens referentes às oficinas. Por fim, em *Matéria-prima*, mais uma vez, trouxemos os livros do XVIII para definir quais eram as madeiras utilizadas no período, para indicar a importância de tais elementos não apenas valiosos do ponto de vista material, mas também do ponto de vista simbólico. As principais fontes utilizadas, nesse ponto, foram o *Guia de Pioche* (1846) e o livro de Rainville (1880), pois foram as obras que mais claramente abordaram o tema das matérias-primas em suas páginas, mostrando, assim, como a madeira constituía-se em material complexo, para uma produção também complexa.

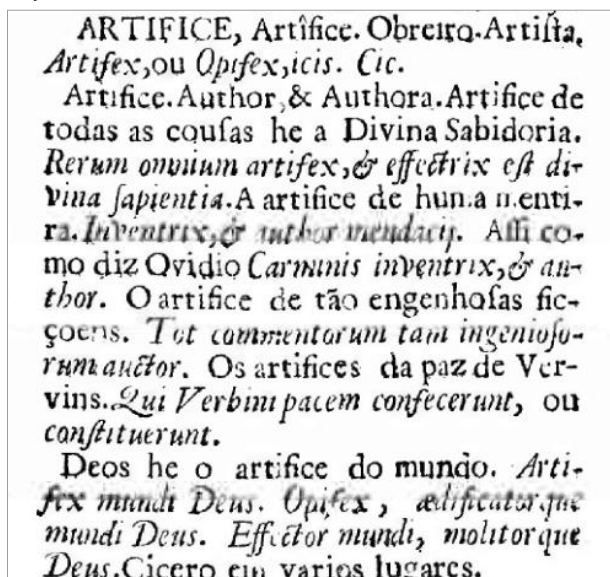
## ARTÍFICES

A partir da leitura do livro *O Artífice*, de Richard Sennett (2020), cujo título adotamos para este subcapítulo, entendemos a importância dos conhecimentos práticos e intelectuais dos artesãos para a compreensão das obras de madeiras feitas por artistas nos séculos XVIII e XIX. Com base nas fontes primárias já apresentadas anteriormente, observamos como os artífices da madeira eram compreendidos em meados do século XVIII

através dos verbetes encontrados no Dicionário de Bluteau (1712 – 1728) e na Enciclopédia de d'Alembert e Diderot (1751-1772). Igualmente localizamos informações sobre como eram compreendidos os Carpinteiros e Marceneiros no livro *O Vignola Brasileiro* (Rainville, 1880) já datado do terceiro quartel do século XIX.

“O *Vocabulário*, de Raphael Bluteau (1712-1728) nos trouxe a oportunidade de conhecer as definições de artífice e dos principais ofícios mecânicos ligados à madeira, como: Carpinteiro, Marceneiro, Tanoeiro, Ensamblador e Entalhador, utilizadas no início do século XVIII em língua portuguesa.” (Rodrigues, 2023, p. 21) Já a Enciclopédia (d'Alembert & Diderot, 1751-1772) nos mostra como “o Iluminismo tratava os artífices e artesãos da época, tornando-se um conhecimento universal que influenciou enormemente o contexto português do século XVIII.” (Rodrigues, 2023, p. 21) Vejamos diretamente as definições com a palavra artífice tanto em Bluteau (fig.1), como em Diderot e d'Alembert (fig.2)

**Figura 1.** Definição de Artífice no *Vocabulario portuguez e latino de Bluteau* (1712 – 1728)



Fonte: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/>

**Figura 2.** Definição de Artesão na Enciclopédia

ARTISAN, f. m. nom par lequel on désigne les ouvriers qui professent ceux d'entre les arts mécaniques, qui supposent le moins d'intelligence. On dit d'un bon Cordonnier, que c'est un bon *artisan*; & d'un habile Horloger, que c'est un grand artiste.

Fonte: <http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopedie/>

**Tradução da autora:** Nome pelo qual se designam os operários que professam as artes mecânicas, que supõem um mínimo de inteligência. Diz-se de um bom sapateiro que ele é um bom artífice; e de um grande relojoeiro, que ele é um grande artista.

**Figura 3.** Definição de Operário na Enciclopédia

OUVRIER, f. m. *terme général*, se dit en général de tout artisan qui travaille de quelque métier que ce soit.

On appelle *ouvriers* en drap d'or, d'argent & soie, & autres étoffes mélangées, ou *ouvriers* de la grande navette, les fabriquans & manufacturiers qui fabriquent & font sur le métier avec la navette toutes fortes d'étoffes d'or & d'argent & de soie, ou mêlées d'autres matières, comme fleurets, laine, coton, poil & fil; telles que sont les velours, les damas, les brocards & brocatelles, les satins, les taffetas & tabis, les moires, les papelines, les gazes, les crêpes & autres semblables marchandises, dont les largeurs sont d'un tiers d'aune & au-dessus; celles au-dessous étant réservées aux maîtres Tisseurs-Rubaniers. (D. J.)

Fonte: <http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopedie/>

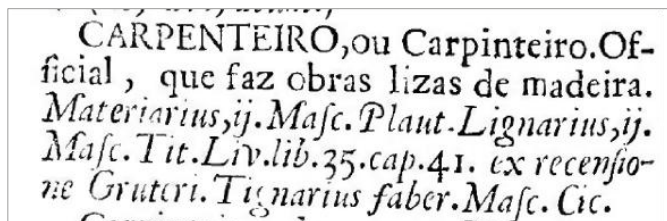
**Tradução da autora:** Diz-se em geral de qualquer operário que trabalhe em qualquer ofício. Chamamos trabalhadores de tecidos de ouro, prata e seda e outros tecidos mistos, ou trabalhadores da lançadeira grande, e fabricantes que fazem no tear com a lançadeira todos os tipos de tecidos de ouro, prata e seda, ou misturado com outros materiais, como folhas, lã, algodão, cabelo e fios; tais como veludos, damascos, brocados, cetins, tafetás e tabis, moires, poplin, gazes, crepes e outros produtos similares, cuja largura seja de um terço de jarda e acima; aqueles abaixo sendo reservados para mestres fabricantes de tecidos.

A partir do primeiro verbete (fig.1), vemos que Bluteau (1712-1728) inicia caracterizando artífice como artista, autor e autora; por fim dizendo que Deus é o artífice do mundo. Mais à frente temos uma valorização do trabalho manual. “Vemos que artífice não é um simples detentor de uma técnica, artífice é um artista, é o autor ou autora daquela peça, que detém todo um conhecimento específico para que aquele objeto seja desenvolvido.” (Rodrigues, 2023, p. 24)

Já no segundo verbete (fig.2) vemos uma certa contradição. A *Enciclopédia* de d'Alembert e Diderot (1751-1772) é conhecida por ser um dos primeiros livros eruditos a trazer os ofícios mecânicos de modo a aproximá-las das “obras intelectuais”. Contudo no verbete acima, vemos na tradução a afirmação de que artífices seriam operários que supõe um mínimo de inteligência. “Diminuir esses artistas a terem “menor inteligência” reflete um pensamento de que as artes mecânicas, ou seja, as artes com as mãos, como diz Sennett (2020) em *O Artífice*, eram ainda consideradas no século XVIII menores que as artes intelectuais.” (Rodrigues, 2023, p. 32) No entanto, podemos compreender que ao usar a expressão “le moin d’intelligence”, os autores se referiam não a uma inteligência menor ou mínima, mas a um certo grau de inteligência exigido para exercer determinado ofício.

E no terceiro verbete (fig.3), também na *Enciclopédia* a palavra “ouvrier” se refere a qualquer artífice que trabalhe em determinado ofício. O texto do verbete, como lido na tradução, será focado nos oficiais mecânicos do tecido. Contudo, é possível entender que essa palavra, diferentemente da segunda, não possui uma conotação negativa, de um não-conhecimento, mas sim de elaboradas capacidades técnicas.

**Figura 4.** Definição de Carpinteiro no *Vocabulario portuguez e latino*. Bluteau (1712-1728)



Fonte: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/>

**Figura 5.** Definição de Carpinteiro na Enciclopédia. D'Alembert e Diderot, 1751-1772

\* CHARPENTIER, f. m. ouvrier qui a le droit par lui-même de faire ou de faire exécuter tous les ouvrages en gros bois qui entrent dans la construction des édifices, les machines, telles que les grues & autres, &c. en qualité de membre de la communauté des *Charpentiers*. Il y a deux sortes de maîtres ; les jurés du Roi, & les maîtres simples : les uns ne sont distingués des autres, qu'en ce que les premiers ont cinq ans de réception. L'ancien de ceux-ci est doyen de la communauté ; & c'est toujours un d'eux qui est syndic. Ils sont aussi chargés, exclusivement aux autres, de la visite des bois travaillés ou non travaillés, & de leurs toises. Les quatre jurés sont pris de leur nombre ; deux entrent en charge, & deux en sortent tous les ans. Leurs réglemens ne sont pas à beaucoup - près aussi étendus qu'on s'y attendroit, l'art de la *Charpenterie* n'étant pas apparemment porté aussi loin qu'il seroit à souhaiter qu'il le fût. Les expériences sur lesquelles les statuts concernant un art sont toujours formés, ayant manqué ici ; les statuts se sont réduits à de petites observations relatives aux intérêts de la communauté, entre lesquelles on en trouve à peine une qui ait du rapport au bien public. On distinguoit autrefois les *Charpentiers* des *Menuisiers* par les noms de *Charpentiers à la grande coignée*, qu'on donnoit aux premiers ; & de *Charpentiers à la petite coignée*, qu'on donnoit aux seconds. Voyez CHARPENTE, & BOIS DE CHARPENTE.

Fonte: <http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopedie/>

**Tradução da autora:** Carpinteiros. Senhor. Trabalhador que tem o direito de fazer ou mandar fazer todos os trabalhos em madeira pesada que entram na construção de edifícios, máquinas, tais como guindastes e outros. Existem dois tipos de mestres: os jurados do rei e os mestres simples: alguns se distinguem dos outros apenas porque os primeiros têm cinco anos de recepção. O mais velho deles é o decano da comunidade e é sempre um deles que é o fiduciário. Eles também se encarregam de visitar madeiras trabalhadas ou não trabalhadas e suas réguas de medição. Os quatro jurados são retirados de seu número; dois assumem o comando e dois saem todos os anos. Seus



regulamentos não são tão extensos quanto se poderia esperar. As experiências sobre as quais os estatutos concernentes a uma arte sempre são formados, tendo sido perdidas aqui; os estatutos foram reduzidos a pequenas observações relativas aos interesses da comunidade, entre as quais dificilmente encontramos uma que tenha relação com o bem público.

Na definição de Carpinteiro (fig. 4), Bluteau (1712-1728) nos mostra uma equivalência dos termos “oficial” e “artífice”, além de indicar os tipos de obras que fazem, sendo obras lisas aquelas em que a madeira não é entalhada e ou torneada, ou seja, não sofre trabalhos artísticos. Já na definição de Carpinteiros (fig.5) adotada pela *Enciclopédia* (d’Alembert & Diderot, 1751-1772) vemos dois pontos interessantes, inseridos no contexto francês: o primeiro que define o Carpinteiro como o artesão que trabalha diretamente com madeiras pesadas, diferentemente dos Marceneiros; já o segundo ponto é a informação da existência de dois tipos de mestres, os jurados ao rei e os mestres simples. “É de fácil entendimento que os jurados do rei são os artífices mais renomados e possuem cinco anos de experiência em comparação com os outros.” (Rodrigues, 2023, p. 34)

**Figura 6.** Definição de Ensamblador no *Vocabulário portuguez e latino*

ENSAMBLADOR. Enlãmbladôr. En-  
fãmblagem, & enlãblar. *Vid.* Sanblador,  
fãmblagem, fãmblar.

Fonte: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/>

A definição de Ensamblador no *Dicionário* (Bluteau, 1712-1728) (fig. 6) será simples, onde o autor apenas nos diz que é o oficial que faz a ensamblem. Apesar da curta, é importante a existência da denominação a este oficial no *Dicionário* por seu reconhecimento e diferenciação em relação aos outros oficiais, como o de Carpinteiro e o de Marceneiro. Infelizmente não foi possível encontrar essa profissão na *Enciclopédia*, talvez essa ausência pode indicar uma certa indefinição dessa atividade no entendimento dos autores.

Em seguida, podemos examinar as definições de Entalhador e Escultor segundo o *Dicionário* de Bluteau (1712-1728) e a *Enciclopédia*, de d’Alambert e Diderot (1751-1772) respectivamente (figs. 7 e 8).



**Figura 7.** Definição de Entalhador no *Vocabulário portuguez e latino*. Bluteau (1712-1728)

ENTALHADOR. Entalhador. Oficial de obra de talha com flores e de madeira, & folhagens, com cabeças de Anjos com netas, brutescos, & outras figuras de meyo relevo reveste outras lizas de lambagem. *Sculptor, qui tabulas planas, & compactas figuris mediâ sui parte eminentibus, condesit.*

Fonte: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/>

**Figura 8.** Definição de Escultor na Enciclopédia. D'Alembert e Diderot, 1751-1772

SCULPTEUR, f. m. (*Artiste*.) artiste, qui par le moyen du ciseau forme des statues, taille le bois, la pierre, le marbre, & autres matieres propres à faire des représentations & des imitations des divers objets de la nature. Comme on distingue en général les *Sculpteurs* en anciens, & en modernes. *Voyez les articles suivans. SCULPTEURS anciens & SCULPTEURS modernes. (D. J.)*

Fonte: <http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopedie/>

**Tradução da autora:** Artista que, por meio do cinzel, forma estátuas, esculpe madeira, pedra, mármore e outros materiais adequados para fazer representações e imitações de vários objetos da natureza.

Em entalhador, segundo Bluteau (1712-1728), vemos uma definição com informações sobre o oficial que faz obras de talha, especialmente com folhas, folhagens e outras figuras de meio relevo. Já na figura 8, referente à Enciclopédia (d'Alembert & Diderot, 1751-1772), o ofício do escultor é compreendido pelo autor como um “artista”, diferente do ofício de Carpinteiro que é chamado de “ouvrier” (trabalhador). Uma hipótese é de que a figura do entalhador, assim como o escultor, estava mais próxima das Artes, se comparada com a dos carpinteiros, como havíamos observado no *Vocabulário* de Bluteau, os quais possuem funções em obras de caráter mais estrutural. (Rodrigues, 2023, p. 35)

Observemos, então, as definições de Marceneiro, de acordo com nossas fontes primárias (figs. 9 e 10)

**Figura 9.** Definição de Marceneiro no Vocabulário portuguez e latino. Bluteau (1712-1728)

MARCENEIRO. Official que lavra madeira com mais primor que Carpinteiro. *Operis lignei elegantioris faber, ri. Masc.* ou *Faber operis intestini*. Por *Opus intestinum*, tomão os Doutos obras de madeira trabalhada com artificio, & primor, com que se ornão as salas, como bofes, contadores, como tambem portas, & janellas, feitas com mais arte das que costumão fazer carpinteiros. Varro, & Vitruvio dizem, *Intestinum opus*, neste sentido.

Fonte: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/>

**Figura 10.** Definição de Marceneiro na Enciclopédia. D'Alembert e Diderot, 1751-1772

EBENISTE, f. m. *Menuisier qui travaille en ébène.* On donne le même nom à ceux qui font des ouvrages de rapport, de marqueterie & de placage, avec l'olivier, l'écaille & autres matieres. Ces matieres coupées ou sciées par feuilles, sont appliquées avec de la bonne colle d'Angleterre sur des fonds faits de moindres bois, où elles forment des compartimens. Voyez MARQUETERIE. Quand les feuilles sont plaquées, jointes & collées, on laisse la besogne sur l'établi; on la tient en presse avec des goberges, jusqu'à ce que la colle soit bien sèche. Les goberges sont des perches coupées de longueur, dont un bout porte au plancher, & dont l'autre est fermement appuyé sur la besogne avec une cale ou coin mis entre l'ouvrage & la goberge. Les Ebenistes se servent des mêmes outils que les autres Menuisiers; mais comme ils employent des bois durs & pleins de noeuds, tels que les racines d'olivier, de noyer & autres, qu'ils appellent *bois rustiques*, ils ont des rabots autrement disposés que dans la Menuiserie ordinaire, qu'ils accommodent eux-mêmes selon qu'ils en ont besoin; ils en font dont le fer est demi-couché, d'autres où il est debout, & d'autres dont les fers ont des dents. Lorsqu'ils travaillent sur du bois rude, ils se servent de ceux dont le fer est à demi-couché: si le bois est extraordinairement rude & dur, ils employent ceux dont le fer est debout; & lorsque la dureté du bois est si excessive qu'ils craignent de l'éclater, ils se servent de ceux qui ont de petites dents, comme des limes ou truelles bretées, afin de ne faire que comme limer le bois, ce qui sert aussi à le redresser. Lorsqu'ils ont travaillé avec ces sortes d'outils, ils en ont d'autres qu'ils nomment *racloirs*, qui s'affutent sur une pierre à huile; ils servent à emporter les raies ou bretures que le rabot debout & celui à dents ont laissées, & à finir entierement l'ouvrage. *Dict. de Comm. & Chambers.*

Fonte: <http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopedie/>

**Tradução da autora:** Marceneiro. Senhor. Carpinteiro que trabalha com ébano. Damos o mesmo nome a quem faz trabalhos em laudo, marchetaria, folheado e outras matérias. Esses materiais, cortados ou serrados em chapas, são aplicados com boa cola inglesa em fundos de madeira menor, onde formam compartimentos. Quando as chapas são aplainadas, unidas e coladas, o trabalho é deixado na bancada; é mantido em uma prensa, até que a cola esteja completamente seca. Os marceneiros usam as mesmas ferramentas que os carpinteiros; mas como usam madeiras duras e cheias de nós, como raízes de oliveira, nogueira e outras, que chamam de madeiras rústicas, têm planos dispostos de maneira diferente da carpintaria comum, que eles mesmos adaptam, conforme sua necessidade. Quando eles trabalham em madeira bruta, eles usam ferros que são semi-revestido: se a madeira é extraordinariamente áspera e dura, eles usam ferro reto; e quando a dureza da madeira é tão excessiva que eles têm medo de rachá-la, usam aqueles que têm dentes pequenos, como limas, para não fazer nada além de limar a madeira, que serve também para endireitá-la. Depois de trabalhar com esses tipos de ferramentas, eles têm outras que chamam de raspadores, que são afiadas em uma pedra de óleo; eles são usados para remover as listras ou lacunas deixadas pelo plano vertical.

As definições são bastante específicas, pois trazem a principal função do ofício, lavrar a madeira e uma comparação com o ofício do Carpinteiro. Para Bluteau Bluteau (1712-1728), a Marcenaria era mais elaborada e primorosa do que a Carpintaria. Isso se relaciona em muito com a compreensão geral de que o Marceneiro tem um saber fazer mais artístico e detalhista que o Carpinteiro, que faz obras maiores e mais ligadas à estrutura das edificações. (Rodrigues, 2023, p. 29)

Na *Encyclopédia* (d'Alembert & Diderot, 1751-1772), (fig.10) temos o marceneiro como ebanista, termo adotado sobretudo no vocabulário em língua francesa, o oficial que trabalha com a madeira ébano.

O ebanismo afirmou-se como prática artística desde o século XVII, na Europa, e teve sua designação derivada da nobre madeira de origem africana, o ébano, dando origem aos termos ébeniste, ébénisterie, em francês ou ebanistería, em espanhol – equivalentes ao trabalho dos *cabinetmakers* dos ingleses – e se tornou sinônimo do feitio de móveis de luxo (Brandão, 2014 apud Rodrigues, 2023, p. 36).

A comparação entre os dois verbetes (o de Bluteau e o da Enciclopédia) nos permite ver pequenas diferenças, como a definição da Enciclopédia que nos traz informações sobre ferramentas e matérias primas, enquanto a de Bluteau (1712-1728) diz que a Marcenaria está mais próximo das Artes.

No que se refere às definições de tanoeiros, de acordo com as nossas fontes primárias, lemos (figs. 11 e 12).

Para definir Tanoeiro, o oficial que faz tonéis, pipas e barris, Bluteau (1712-1728) adiciona uma história de Plínio, chamado de tanoeiro por fazer vasos de barro. Por fim, na definição da Enciclopédia há uma extensa descrição sobre o papel do Tanoeiro. Um ponto muito interessante, aqui, é a afirmação, logo no começo do verbete, que trata dos artifices. “Apesar de ser uma simples escolha de palavras, é importante pensar na valorização que esses ofícios podiam ou não receber. Por meio desses detalhes, podemos observar a importância que tais ofícios tinham naquela sociedade e naquele período.” (Rodrigues, 2023, p. 38)

**Figura 11.** Definição de Tanoeiro no *Vocabulario portuguez e latino*. Bluteau (1712-1728)

**TANOEIRO.** Official, que faz toneis, pipas, barrís, &c. *Doliarius, ii. Masc.* Assim chama Plinio aos que fazião huns vasos grandes de barro, em que metião vinho, & outros licores. Porém, com o *Doliarius* vem de *Dolium*, que quando menos no tempo de Plinio se começava a dizer de Barrís, & outras vasilhas, feytas com aduelas, como as nossas, me parece que sem escrupulo poderemos usar de *Doliarius*, no dito sentido. Ulpiano chama ao Tanoeiro, *Vietor, is. Masc.* & segundo Budeo, *Vietores sunt ii, qui vasa vinaria religant, stipantque, à viendo, hoc est, vintciendo, sen ligando.*

Fonte: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/>

**Figura 12.** Definição de Tanoeiro na Enciclopédia. D'Alembert e Diderot, 1751-1772

TONNELIER, artisan qui fait, relie, & vend des tonneaux, c'est-à-dire toutes fortes de vaisseaux de bois, reliés de cerceaux avec de l'osier, & propres à contenir des liqueurs ou marchandises; tels sont les tonnes, cuves, cuiviers, muids, futailles, barrils, &c. Les tonneliers montent aussi & relient toutes sortes de cuves & autres vaisseaux reliés de cerceaux de fer. Ce sont encore eux qui descendent les vins, cidres, bières, &c. dans les caves des bourgeois & des marchands de vin. Enfin il n'y a qu'eux qui aient droit de décharger sur les ports les vins qui arrivent par eau, & de les sortir des bateaux.

Les tonneliers forment à Paris une communauté nombreuse, & prennent la qualité de maîtres tonneliers déchargeurs de vins.

Leurs statuts sont fort anciens, & leur furent donnés sous le règne de Charles VII. Charles VIII. les augmenta, & François I. les confirma en 1538.

Ces statuts furent augmentés & dressés de nouveau en vingt-un articles, & confirmés en 1566, par Charles IX. on en ajouta deux autres sous Henri III. qui furent enregistrés en parlement en 1577.

Henri IV. en 1599, Louis XIII. en 1637, & Louis XIV. en 1651, leur donnerent aussi des lettres de confirmation, qui furent enregistrées au parlement, au châtelet, & à l'hôtel-de-ville.

Suivant ces statuts, la communauté doit être régie par quatre jurés, dont on en élit deux tous les ans; ce sont eux qui font les visites, enregistrent les brevets, donnent le chef-d'œuvre, & reçoivent les maîtres.

Fonte: <http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopedia/>

**Tradução da autora:** Tanoeiro, artífice que fabrica, encaderna e vende tonéis, ou seja, todos os tipos de vasos de madeira, amarrados com argolas de vime, e próprios para conter licores ou mercadorias; tais são as toneladas, cubas, lamas, tonéis, barris, etc. Os tanoeiros também montam e conectam todos os tipos de cubas e outros recipientes amarrados com argolas de ferro. Ainda são eles que despejam os vinhos, sidras, cervejas etc nas caves dos burgueses e dos comerciantes de vinho. Por fim, são os únicos que têm o direito de descarregar nos portos os vinhos que chegam por via fluvial e retirá-los dos barcos. Os tanoeiros formam uma grande comunidade em Paris e assumem a condição de mestres tanoeiros que descarregam vinho. Seus estatutos são muito antigos e foram dados a eles no reinado de Carlos VII. Carlos VIII. os aumentou, e François I. os confirmou em 1538. Esses estatutos foram aumentados e redigidos novamente em vinte e um artigos, e confirmados em 1566, por Carlos IX. Dois outros foram adicionados sob Henrique III, que foram registrados no Parlamento em 1577. Henrique IV. em 1599, Luís XIII.

em 1637, e Luís XIV. em 1651, também lhes entregou cartas de confirmação, que foram registradas no parlamento, no châtelet e na prefeitura. Segundo estes estatutos, a comunidade deve ser governada por quatro jurados, dois dos quais eleitos anualmente; são eles que fazem as visitas, registram as patentes, entregam a obra-prima e recebem os mestres.

No quarto capítulo do livro de Rainville (1880) se localizam as definições dos ofícios. Alguns deles eram vidraceiro, pedreiro e tapeceiro. Contudo o que nos interessa aqui são apenas dois ofícios, carpinteiro e marceneiro. A seguir é possível visualizar a tabela 1, contendo as principais características desses dois ofícios:

**Tabela 1.** Descrição de Carpintaria e Marcenaria no Vignola Brasileiro

Ofícios mecânicos	Descrição
Carpintaria	são as construções de soalhos, de paredes, os telhados e os assentamento dos madeiramentos; Trabalhos que não se usa cola; Demanda operários hábeis e madeira boa, bonita e sã; O trabalho resume em três operações: 1 – Aparelhar a madeira; 2 – Engradar ou galivar a madeira; 3 – Armar a madeira.
Marcenaria	São os trabalhos que fazem uso da cola; Consiste na arte de juntar madeiras de diversas qualidades, formando assim diversos objetos para o interior de uma casa ou para sua decoração; Divide-se em duas partes: 1 – Marcenaria fixa: todas as obras que se firmam e se seguram em muros, paredes, arcos, abóbodas etc.; 2 – Marcenaria móvel: todos os trabalhos que têm por fim fechar ou abrir as aberturas, janelas, portas etc. dos edifícios, ou para a entrada livre do ar e da luz.

Fonte: Rainville, 1880 apud Rodrigues, 2023, p. 40



A leitura da tabela permite perceber que o autor se ateu às diferenças entre os dois ofícios. Rainville diferencia-os não apenas como a carpintaria sendo mais estrutural e a marcenaria mais artística, mas também pelo uso ou não da cola, material imprescindível na Marcenaria, mantendo os sentidos definidos pela Enciclopédia do século anterior. (Rodrigues, 2023, p. 40)

## A OFICINA

Neste subcapítulo iremos analisar, do mesmo modo que fizemos com relação aos ofícios mecânicos, as definições do espaço onde atuavam os artífices entre os séculos XVIII e XIX. Para isso, iniciemos com a leitura das definições relativas ao Dicionário de Bluteau (1712-1728) (fig.13) e à Enciclopédia (d'Alembert & Diderot, 1751-1772) (fig. 14)

**Figura 13.** Definição de Oficina no *Vocabulário portuguez e latino*. Bluteau (1712-1728)

OFFICINA. He o nome generico dos lugares em que trabalham officiaes de qualquer officio. *Officina, e. Fem Cic.* Sahiraõ estas obras da mesma officina. *Ex eadem officina exierunt. Cic.*

Fonte: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/>

**Figura 14.** Definição de Oficina segundo a *Enciclopédia*. D'Alembert e Diderot, 1751-1772

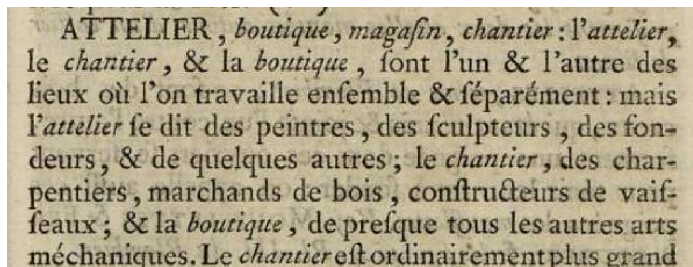
CHANTIER, (Menuis. Charpent. & autres ouvr.)  
c'est le lieu où ces ouvriers ont disposé leurs planches & autres bois, soit en plein air, soit à l'abri sous des hangars, & où ils font une partie de leurs ouvrages.

Fonte: <http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopedie/>

**Tradução da autora:** Oficina, (Marcenaria, Carpintaria e outros ofícios) é o lugar onde esses trabalhadores colocam suas tábuas e outras madeiras ao ar livre ou protegidos sob hangares, e onde eles fazem parte de suas obras.



**Figura 15.** Definição de Ateliê na Enciclopédia. D'Alembert e Diderot, 1751-1772



Fonte: <http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopedia/>

**Tradução da autora:** Atelier, loja, oficina: o atelier, a oficina e a loja são lugares onde trabalhamos juntos e separadamente: mas o atelier é dito dos pintores, escultores, fundadores e alguns outros; a oficina (canteiro de obras), carpinteiros, comerciantes de madeira, construtores navais, e de quase todas as outras artes mecânicas.

Como lemos nas figuras 13, 14 e 15 temos as definições de cada autor para o que significavam as oficinas no século XVIII. Para Bluteau (1712-1728), “sabemos que a oficina é considerada o local de trabalho do artífice, onde ele cria seus objetos e ensina seus aprendizes.” (Rodrigues, 2023, p. 43) Já na *Enciclopédia* (d'Alembert & Diderot, 1751-1772), temos duas definições que podem significar “oficina”. A primeira, *chantier* e a segunda *atelier*. A partir das traduções apresentadas, é possível perceber que *chantier* pode significar oficina ou canteiro de obras. A palavra se refere às oficinas dos oficiais mecânicos. Já o *atelier* seria a “oficina” dos pintores e escultores. Embora não tratamos aqui dos ateliês dos pintores e escultores, a obra de Martin Wackernagel (1982) traz importante reflexão sobre estes espaços de trabalho dos artistas no Renascimento florentino. Na terceira parte do livro, intitulada “O ateliê do artista e o mercado de arte”, o autor inclui o capítulo “Os ateliês e o método de trabalho”. Aqui há várias informações a partir de documentação primária sobre tais lugares de moradia e de trabalho dos artistas, organização do trabalho: mestres, ajudantes e aprendizes; o procedimento de produção das esculturas; as técnicas de trabalho dos pintores: o desenho; entre outros aspectos. As descrições dos ateliês de artistas do século XV em Florença, em um período de transição da separação entre saberes artísticos e artesanais, mostram vários elementos

de permanência do que continuariam a ser as oficinas. (Wackernagel, 1982 apud Rodrigues, 2023, p. 44)

A oficina era parte fundamental do período áureo dos ofícios mecânicos. Também cumpria com vários papéis diferentes, como morada do artesão em primeiro lugar “ou seja, não apenas um lugar de trabalho, mas sim um lugar coletivo de convivência e de vivência.” (Rodrigues, 2023, p. 45) Esse conceito de oficina-morada também é definido por Sennett (2020), em seu livro *O Artífice*. Como visto na definição de *atelier*, as palavras em francês *Boutique* e *Magazin*, traduzidas como “loja”, informam que o ateliê ou oficina de um artífice cumpria a função de loja, onde eles poderiam vender suas peças produzidas, “uma vez que, no sistema de trabalho artesanal, o trabalhador tinha o controle completo de seu fazer, desde a escolha da matéria-prima até a venda do produto acabado direto para seus compradores e clientes.” (Rodrigues, 2023, p. 45)

A partir de algumas imagens produzidas entre os séculos XVIII e XIX, podemos observar como eram representadas as oficinas nesse período.

**Figura 16.** The Carpenter's Shop



Fonte: William Strang. The Carpenter's Shop. 1884. Artigo online. 17,7 x 22,4 cm. Gravura em papel. Site British Museum.

Na figura 16, de William Strang temos a oficina de um carpinteiro. O principal ponto desta imagem é a presença da mulher e de uma criança na oficina. Isso confirma o conceito de Sennett (2020) em *O Artífice*, de que as oficinas eram mais do que lugares de trabalhos, e sim os lares dos oficiais e de suas famílias e aprendizes. “Esta imagem deixa supor um local mais rústico, onde podemos ver as peças de madeira empilhadas em um lado e o possível objeto, um instrumento musical ou um caixão, sendo construído no chão.” (Rodrigues, 2023, p. 52)

**Figura 17.** Sem título



Fonte: John Gilbert. Sem título. Século XIX. 20,2 x 25,7 cm.  
Gravura em papel. British Museum.

Na figura 17 temos uma gravura assinada por John Gilbert (1817-1897), que apresenta um artífice em sua oficina, sentado com uma postura que denota humilhação ou opressão, em comparação com a imagem do homem bem-vestido em pé, que parece estar avaliando alguma peça do artífice. Este homem pode estar representando um possível comprador. “Ou talvez refira-se ao personagem das mudanças advindas da industrialização com o sistema de *putting out*, um capitalista que traz a matéria prima e recolhe o objeto manufaturado na oficina do trabalhador para vendê-lo, pagando um preço muito inferior àquele que será vendido posteriormente (De Decca, 2004 *apud* Rodrigues, 2023, p. 53).

**Figura 18.** Sem título



Fonte: Gravura do Volume VII da *Enciclopédia* de Diderot e d'Alembert

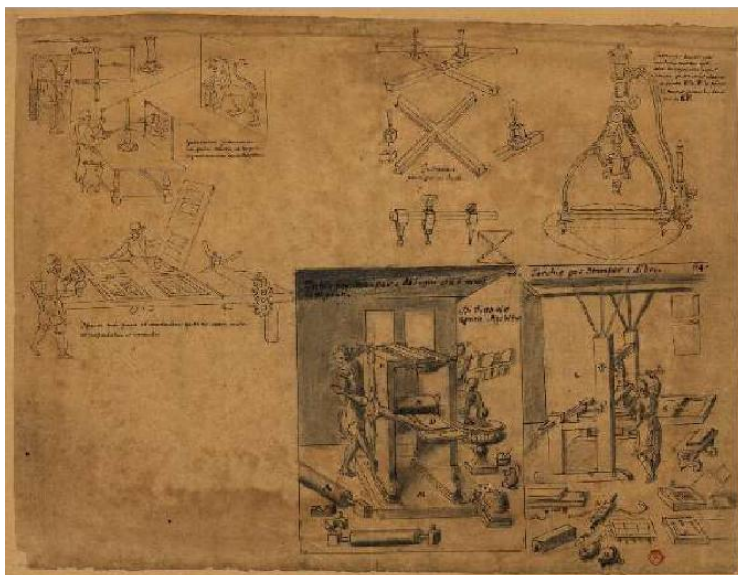
A figura 18 diz respeito à única imagem de uma oficina no volume VII da edição original da *Enciclopédia* de d'Alembert e Diderot (1751-1772). A figura é acompanhada de uma pequena descrição:

O topo desta prancha representa uma oficina de carpintaria de móveis, onde vários operários estão ocupados com diferentes trabalhos de móveis, um divide uma tábua; outro a moe; outro produz as cadeiras e poltronas; um esboça; outro está ocupado aquecendo cola. O restante da oficina está repleto de obras e móveis de todos os tipos, como cadeiras, poltronas, sofás, armários, mesas, etc. e outros utensílios relacionados com a arte da carpintaria em móveis. (d'Alembert & Diderot, 1751-1772 apud Rodrigues, 2023, p. 54)

Na gravura há a representação de um espaço, mostrando, talvez, como o século XVIII possuía um intenso ritmo de trabalho artesanal, em ateliês com grande capacidade de produção.

A figura 19 diz respeito a um desenho do século XVIII localizado no acervo digital da Biblioteca Nacional de Portugal. Apesar de não representar uma oficina de ofícios da madeira, esta imagem quer demonstrar a descrição das ferramentas e dos materiais de uma oficina tipográfica, o que nos permite verificar a representação imagética muito voltada para uma visão técnica das oficinas do período estudado.

**Figura 19.** Prensas tipográficas, calcografias e diversos instrumentos: estudo de ilustrações



Fonte: Sem autor. Prensas tipográficas, calcografias e diversos instrumentos: estudo de ilustrações. 1700-1750. 34,8x45,9 cm.  
Desenho. Biblioteca Nacional de Portugal Digital.

**Figura 20.** Detalhe. Azulejos da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis da Penitência de Salvador, Bahia



Fonte: Sem autor. Detalhe. Azulejos da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis da Penitência de Salvador, Bahia. c. 1729. provenientes de Portugal. Foto A. Brandão.



Na série dos azulejos do claustro da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência de Salvador, vindos de Portugal, há um detalhe interessante (fig. 20).

No alto do Arco de São José há uma representação de José como carpinteiro em seu trabalho. Na pequena cena encontram-se três personagens, o carpinteiro (José?) que ergue a ferramenta no ar para executar sua tarefa, sobre a mesa de carpintaria, acompanhado de duas pessoas, uma que observa seu trabalho e outro personagem – um aprendiz ou o Menino Jesus, que mostra uma cruz em direção ao artesão, como forma de sacralizar sua atividade. (Rodrigues, 2023, p. 56)

As oficinas eram espaços que ultrapassavam o sentido do local de trabalho, pois ali o artífice e sua família viviam e trabalhavam. Também era o lugar em que os aprendizes eram ensinados e também moravam juntamente com a família dos seus mestres. Richard Sennett (2020), em seu livro *O Artífice*, afirma: “Na Idade Média, os artífices dormiam, comiam e criavam os filhos nos locais de trabalho.” (Sennett, 2020, p. 67). Sabemos que os modelos medievais de organização das oficinas mantiveram-se com algumas transformações até o final do século XVIII. Além do sentido de moradia, trabalho e ensino dos ofícios, as oficinas assumem possivelmente um caráter sacralizado, especialmente no que se refere aos ofícios da madeira, perpassados pela representação de São José como carpinteiro, a Sagrada Família e o Menino Jesus, como aprendiz. Nesse sentido, o detalhe do azulejo português em Salvador nos parece particularmente revelador.

## **A MATÉRIA-PRIMA: MADEIRA**

Neste tópico tratamos da matéria prima utilizada pelos artesãos, sendo que especialmente nos interessam as madeiras. Adotaremos a mesma metodologia de análise anterior, tomando como ponto de partida as fontes primárias escritas do século XVIII, verificando as definições no Dicionário de Bluteau (1712-1728) (fig.21) e na Enciclopédia de d’Alembert e Diderot (1751-1772) (fig.22).

**Figura 21.** Definição de Madeira no *Vocabulário portuguez e latino*. Bluteau (1712-1728)

MADEIRA. Taboas, pranchas, barrotes, vigas, traves, que por ferem materia para diversas obras de carpintaria, são chamadas madeira, como quem differa materia; & tem este mesmo nome no Latim. *Materia*, e, ou *materies*, ei. *Fem. Vitruv. Plin.*  
Casas, cuja madeira não presta. *Edes malè materiata. Cic.*  
O Mercador que tem almazens de madeira. *Materiarius*, ii. *Masc. Plin.*  
Costar madeira para obras. *Materiari*, (*or, atus sum.*) *Cæsar.*  
Madeira torta. Nos contratos del Rey, onde se falla em madeiras, por *madeira torça*, se entende *cornuos*.

Fonte: <http://www.bbm.usp.br/pt-br/>

**Figura 22.** Definição de madeira na Enciclopédia. D'Alembert e Diderot, 1751-1772

BOIS *sur pied*; voyez FORÊT. Le bois qui étoit autrefois très-commun en France, maintenant suffit à peine aux usages indispensables, & l'on est menacé pour l'avenir d'en manquer absolument. Ceux qui sont préposés à la conservation des bois, se plaignent eux-mêmes de leur dépérissement: mais ce n'est pas assez de se plaindre d'un mal qu'on sent déjà, & qui ne peut qu'augmenter avec le tems, il en faut chercher le remède; & tout bon citoyen doit donner au public les expériences & les réflexions qu'il peut avoir faites à cet égard.  
Tous nos projets sur les bois doivent se réduire à tâcher de conserver ceux qui nous restent, & à renouveler une partie de ceux que nous avons détruits.  
Tout le bois de service du royaume consiste dans les forêts qui appartiennent à la Majesté, dans les réserves des ecclésiastiques & des gens de main morte, & enfin dans les baliveaux, que l'ordonnance oblige de laisser dans tous les bois.

Fonte: <http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopédie/>

**Tradução da autora:** Madeira. A madeira que antes era muito comum na França, agora mal dá para usos essenciais, e estamos ameaçados para o futuro com uma escassez absoluta dela. Os próprios responsáveis pela conservação das matas reclamam de seu declínio: mas não basta reclamar de um mal que



já sentimos, e que só pode aumentar com o tempo, é preciso buscar o remédio; e todo bom cidadão deve divulgar ao público as experiências e reflexões que possa ter feito a esse respeito. Todos os nossos projetos na floresta devem ser reduzidos a tentar preservar os que nos restam e a renovar parte dos que destruímos. Toda a mata de serviço do reino consta das matas que pertencem a Sua Majestade, nas reservas dos eclesiásticos e dos *mortmains*, e por fim nas *balivaux*, que a portaria obriga a deixar em todas as matas.

Em Bluteau (1712-1728) (fig.21) vemos que o autor traz a madeira como principal matéria da Carpintaria e não como um elemento a ser discutido no campo da Botânica. Na Enciclopédia (d’Alembert & Diderot, 1751-1772) temos um texto focado no contexto francês da época. Primeiramente nos chama a atenção o fato de que naquele momento já se observava que as matas francesas estavam sendo devastadas e que era necessária uma maior preservação desses ambientes. “Com essas definições, queremos observar o quão complexo é o universo das matérias-primas, e como elas trazem diferentes questões para nosso problema, tanto técnicas quanto sociais, econômicas e ambientais.” (Rodrigues, 2023, p. 59)

Localizamos, por outro lado, informações sobre a madeira a partir das leituras das duas obras do século XIX, que nos mostram o universo da produção de peças produzidas a partir dessa matéria-prima. O primeiro capítulo do *Guia do Carpinteiro e do Marceneiro*, de Pioche (1846) trata da Estrutura (*La Charpente*), que é a “arte de construir com pedaços de madeira, de diferentes dimensões, e pelas montagens de edifícios ou por cobri-los.” (Pioche, 1846, p. 3 apud RODRIGUES, 2023, p. 64). Neste capítulo também são encontrados o cálculo da resistência das madeiras, os melhores tipos de madeira e as montagens das peças desenvolvidas. Pioche classificou as madeiras em: Duras, Resinosas e Moles e Brancas. A seguir segue a tabela com os nomes e as especificidades de cada madeira dura, segundo Pioche:

**Tabela 2.** Os tipos de madeiras segundo Pioche

<b>Madeiras Duras</b>
<p><b>Carvalho</b></p> <p>A principal madeira dura utilizada nas construções. De boa qualidade e longa duração, é pretendido dizer que as construções feitas com essa madeira durariam mais de 600 anos. Na França, as mais comuns são o Carvalho e o Carvalho de cacho.</p>
<p><b>Castanha</b></p> <p>Madeira que possui uma condição fibrosa, é abundante em construções de países que possuem grande quantidade dessas madeiras. Pode possuir algumas vezes buracos de minhocas em seu interior. Uma curiosidade é que muitas das construções antigas que eram consideradas de Castanhas, na verdade eram de um tipo de Carvalho branco pouco cultivado.</p>
<p><b>Olmo</b></p> <p>Muito fibroso, flexível e aglutinador. De aparência grosseira, difícil de trabalhar. Utilizado principalmente para trabalhos com carroças. As espécies referidas como Tortillard, cujas fibras têm grande tenacidade, são úteis na carpintaria para fazer furos que recebem a montagem de muitos besteiros e que são perfurados com o mesmo número de entalhes/argamassas.</p>
<p><b>Nogueira</b></p> <p>A Nogueira possui um tecido fino e compacto, sem ser muito dura. Suas fibras são curtas, porém elásticas. Não é utilizada em construções, porque os vermes atacam-na facilmente, por isso são mais utilizadas na produção de móveis e de chifres de espingardas.</p>
<p><b>Faia</b></p> <p>Esta madeira é de fácil trabalho. Contudo, é propensa a se partir e ser atacada por vermes. Pioche acreditava ter achado a solução “optando por explorá-la no início do verão, quando está na força da seiva. Ela é deixada secar por um ano após ser abatida e, assim que cortada, é submetida a imersão em água doce por cinco ou seis meses.”</p>
<p><b>Freixo</b></p> <p>Parecida com o Olmo, ela é menos esponjosa e se divide mais facilmente. Também é mais flexível e elástica. Por causa dessas características, é utilizada em carruagens. Não é considerada para Carpintaria, por ser dura, pesada e atacada rapidamente por vermes.</p>

Fonte: Pioche, 1846 apud Rodrigues, 2023, p. 65

As madeiras resinosas, como indicado por Pioche (1846), são leves e elásticas com grandes comprimentos, utilizadas na Carpintaria por falta das outras madeiras duras em alguns países. São elas: Pinheiro, Abeto, Larício,

Cedro, Cipreste e Teixo. Já as moles e brancas, que não adquirem dureza, são: Charme, Plátano, Tília, Salgueiro e Castanha-da-Índia. Em outra parte, Pioche falará das resistências das madeiras: Resistência absoluta; Resistência vertical; e Resistência horizontal.

**Tabela 3.** Os tipos de Resistências

Resistência absoluta	“ a força da tração na direção do comprimento das fibras, de modo a distanciar suas extremidades” (Pioche, 1846, p. 4).
Resistência vertical	“é o maior peso com o qual se pode carregar uma parte vertical, de modo a empurrar suas fibras para trás”. (Pioche, 1846, p. 5)
Resistência horizontal	“é com massas pesadas que sustentam um processo no meio, sem quebrar, um pedaço de madeira colocado horizontalmente em dois pontos fixos, sendo o comprimento da peça medido de um ponto de apoio ao outro.” (Pioche, 1846, p. 5)

Fonte: Pioche, 1846.

É importante frisar que o papel desse guia era auxiliar os possíveis e futuros carpinteiros e marceneiros a produzirem suas próprias obras através dos ensinamentos que o autor fornecia, de modo a ocupar o papel do mestre, uma vez que as estruturas de trabalho nos canteiros de obra e as relações entre mestres e aprendizes características do Setecentos se dissolviam no século XIX. Além dos cálculos das resistências, não podemos deixar de sinalar o estudo que ele faz sobre os tipos de madeiras existentes e mais utilizadas em seu tempo. (Rodrigues, 2023, p. 68)

Em *O Vignola Brasileiro* (Rainville, 1880) analisamos dois dos três capítulos que trabalham especificamente com a madeira. A partir daqui, trouxemos pequenos resumos sobre o que são estes capítulos escolhidos e suas informações mais importantes. O primeiro, chamado de *Dos materiais que geralmente se usam nas construções*, é dedicado ao estudo dos principais materiais utilizados. O autor menciona a madeira e afirma que é necessário fazer uma pesquisa sobre o material utilizado, se o objetivo é produzir algo. Na sua explicação sobre as melhores madeiras, segue uma tabela onde o autor separa os aspectos que definem o que é uma árvore boa ou ruim:

**Tabela 4.** As árvores boas e ruins para a carpintaria e marcenaria segundo Rainville

Árvore boa	Aspecto vigoroso e frondoso de todas as suas partes; Não ter ramos secos; Bastante perpendicularidade; O tronco não deve ficar fino de repente, e sim gradativamente; Deve ter casca lisa e cor igual, sem musgos e parasitas; Batendo com um martelo na árvore ela deve produzir um som claro.
Árvore ruim	Ramos secos; Folhas doentias; Casca facilmente se separando da árvore, na direção da raiz.

Fonte: César Rainville. *O Vignola Brasileiro*, 1880.

Por último, o autor fornecia um pequeno glossário com espécies de madeiras nacionais e estrangeiras. Já no terceiro capítulo, chamado *Das construções de madeira e dos trabalhos do carpinteiro* (Rainville, 1880), vemos muitas informações sobre o trabalho do carpinteiro especificamente. A presença de fórmulas matemáticas e cálculos de resistências também são encontradas em Vignola, algo semelhante ao *Guia* de Pioche (1856). Contudo, o livro *Vignola Brasileiro* (Rainville, 1880), ao nosso ver, é muito mais completo. “Pois além de trazer as fórmulas para os cálculos da força e da resistência das madeiras, também trabalhará em toda a estrutura da construção de madeira, focando muito no trabalho do carpinteiro principalmente.” (Rodrigues, 2023, p. 72)

Podemos concluir que a importância da matéria-prima é algo relevante na história dos ofícios mecânicos dentro da História da Arte, pois as madeiras assumiram valores simbólicos, como o Jacarandá, no Brasil, onde móveis e objetos executados com tal material foram altamente valorizados a ponto de serem compreendidos como “esculturas para sentar-se”, de acordo com Brandão (2014). A partir da afirmação: “O jacarandá assumiria, assim, um significado que ultrapassava suas qualidades materiais e o elevava a valores altamente simbólicos.” (Brandão, 2014, p. 1)

Embora as construções em madeira continuem existindo até hoje, voltadas às moradias, em seu fazer tradicional e técnicas artesanais – uma vez que as tecnologias construtivas de caráter industrial com o uso de metais e vidros muitas vezes foram destinadas mais propriamente às obras monumentais modernas ou grande construções – sabemos, ainda assim, que o sistema de organização do trabalho artesanal se diluiu nas sociedades industriais no decorrer do século XIX.

Com relação às produções de pequenos objetos e mobiliário em madeira, o processo de industrialização foi lento e não se consolidou antes do século XX.

A partir da leitura e estudo das fontes primárias selecionadas para esta análise, somos levados a pensar na importância da pesquisa sobre os trabalhos artesanais entre os séculos XVIII e XIX por meio dos elementos que os constituíam: a figura do artífice e a compreensão das palavras que denominavam seus fazeres e saberes e lhe davam uma gama de sentidos; o espaço de trabalho dos artífices e o sentido complexo de suas oficinas; e, finalmente, a matéria-prima com a qual produziam suas estruturas e objetos, a madeira, entendida também em seus aspectos simbólicos, presentes em sua materialidade.

Assim, consideramos que cada um desses elementos, além de outros, que compunham o universo dos ofícios mecânicos da madeira em Portugal e no Brasil dos séculos XVIII e XIX deve ser estudado em diferentes abordagens para a melhor compreensão do contexto das corporações de ofícios, das relações entre mestres e aprendizes, do significado das obras que produziam. O estudo do vocabulário utilizado no século XVIII no âmbito do primeiro dicionário em língua portuguesa (Bluteau, 1712-1728) e da Enciclopédia de d'Alembert e Diderot (1751-1772) para se referir aos oficiais mecânicos das madeiras; para se referir a seus locais de trabalho (estes articulados com suas representações em gravuras); assim como em relação a sua matéria-prima, por excelência a madeira; tudo somado, pode abrir diferentes possibilidades de investigação. Da mesma madeira, duas publicações do século XIX como o Guia de Pioche (1846) e o *Vignola Brasileiro* (Rainville, 1880) foram capazes de nos indicar as transformações ocorridas nos ofícios da madeira, à medida em que guias e manuais precisariam passar a fornecer elementos formativos escritos, em substituição ao ensino até então transmitido oralmente entre mestres e aprendizes.

## REFERÊNCIAS

### Fontes Primárias:

Bluteau, R. (1712-1728). *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico*. Collegio das Artes da Companhia de Jesus. 8 v.

D'alembert, J. R., & Diderot, D. (1751-1772). *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, etc.* ARTFL *Encyclopédie Project*. <http://encyclopedia.uchicago.edu/>.

*Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, etc.*, eds. Denis Diderot and Jean le Rond d'Alembert. ARTFL Encyclopédie Project (Autumn 2022 Edition), Robert Morrissey and Glenn Roe (eds), <http://encyclopedia.uchicago.edu/>.

Pioche. (1846). *Guide du charpentier et du menuisier des villes et des campagnes, contenant tous les détails de la charpente en bois et en fer, avec grand nombre d'exemples, par Pioche, précédé de la Théorie de la force des bois, par E. Debrun...* Metz: Dembour et Gangel. In-fol, 22p, 12 pl. Departamento de Literatura e Arte. <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb31115936k>.

Rainville, C. (1880). *O vignola brasileiro*. Eduardo e Henrique Laemmert.

### **Bibliografia:**

Brandão, A. Antônio Francisco Lisboa e um Ebanismo de Jacarandá. In: IX Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte em Homenagem aos 200 anos de morte de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, 2014, Belo Horizonte. IX Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte em Homenagem aos 200 Anos de Morte de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Belo Horizonte: IEDS – Instituto de Estudo do Desenvolvimento Sustentável, 2014. v. 1. p. 1-14.

Meneses, J. N. C. (2017). Introdução: Cultura material no universo dos Impérios europeus modernos. *Anais do Museu Paulista: História, Cultura e Material* (Impresso), 25(1), 9-12.

Rodrigues, I. T. (2023). Um olhar sobre os ofícios da madeira, entre os séculos XVIII-XIX, no contexto Luso-Brasileiro. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Paulo].

Sennett, R. (2020). *O Artífice*. Record.

Wackernagel, M. (1982). *The World of the Florentine Renaissance Artist: Projects and Patrons, Workshop and Art Market*. Princeton University Press.